Na Cisco, funcionário solto é funcionário produtivo
Ricardo Lacerda

Imagine um escritório – algo como dois andares de um prédio – em que nenhum funcionário tem mesa ou sala predeterminada para trabalhar. Some a isso o fato de, em um dia comum, transitarem de um lado para o outro cerca de 60 pessoas, sendo que várias delas estão falando diferentes idiomas. É mais ou menos assim que funciona a subsidiária brasileira da Cisco Systems, uma das gigantes da tecnologia da informação mundial, em São Paulo.

Pedro Ripper, presidente da empresa no Brasil, explica que a maior parcela dos colaboradores nem vai ao escritório diariamente. Eles trabalham em suas próprias casas, em horários flexíveis e conectados a colegas de diferentes partes do mundo pela internet. “A Cisco paga banda larga em casa. Por isso, temos um escritório mais enxuto, afinal é um lugar aonde se faz basicamente trabalho em equipe”, explica Ripper.

Esta “independência” oferecida a quem trabalha na Cisco só é permitida por um único e simples motivo: a produtividade, que coloca a unidade brasileira na ponta do crescimento global da companhia. “Nos últimos dez trimestres, os mercados emergentes cresceram quase o dobro da taxa de crescimento do restante da empresa, e o Brasil é o que cresce com maior vigor” diz Ripper. O executivo revela, ainda, que a perspectiva para o país é de duplicar o volume das operações em pouco mais de dois anos.

E é também para manter uma equipe qualificada que a Cisco adotou essa tendência organizacional independente, nascida nas empresas de TI do Vale do Silício, nos Estados Unidos. “É preciso manter a forte essa nossa cultura”, diz ele. Cultura que está justamente ligada à globalização do trabalho – afinal, para Ripper, as “antigas” barreiras geográficas já foram rompidas.

”Hoje, cada vez mais, a gente vai contratar a melhor pessoa para a posição, independentemente de onde ela esteja”, explica. Os funcionários da Cisco podem até morar no Brasil, mas os papéis que eles desempenham não estão necessariamente ligados ao país. Por isso, o medo de um déficit de talentos passa longe da Cisco. “Em primeiro lugar, a gente está aumentando significativamente nosso corpo de busca, e esse corpo de busca é o mundo”, explica.

Disponível em: <http://amanha.terra.com.br>. Acesso em 20 jun. 2008

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.